



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

RAQUEL DA SILVA SANTANA

NEGRAS NO TELEJORNAL BAIANO

Salvador

2014

RAQUEL DA SILVA SANTANA

NEGRAS NO TELEJORNAL BAIANO

Memorial apresentado ao Curso de graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Costa
Conceição

Salvador

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

A minha mãe pelas orações, apoio e exemplo de força.

Minhas avós Joviniana (in memoriam), Roberta e Margarida, pelo carinho e confiança.

Sebastião e Luiza, em especial ao meu tio, pelo estímulo de sempre.

Ao meu professor e orientador, Fernando Costa Conceição.

Ihago Alech com o auxílio nas filmagens e edição.

Ary Brito.

Paula Lima e Adrielly Magly pela amizade de sempre, em especial a Paula pela força nessa reta final do TCC.

Aos amigos que me ajudaram com as fontes, entre eles, George, Milena e Verena.

Aos meus entrevistados pela disponibilidade e carinho.

“A ausência das jornalistas negras na frente das câmeras é para que nosso sonho não exploda na cabeça de milhões”.

Vilma Reis

RESUMO

Esse memorial apresenta as teorias e o trajeto para construção do curta-documentário intitulado: “*Negras no Telejornal Baiano*”. O documentário teve o objetivo de analisar o cenário atual do telejornalismo local, levando em consideração dois aspectos: cor e gênero. Aprofundando o debate sobre a discriminação racial e de gênero impregnado na sociedade baiana, presente também no campo profissional e, em um ambiente estratégico, como o da Comunicação. Com base nos programas jornalísticos das cinco emissoras locais, transmitidos em Salvador, foi feito um mapeamento da presença dessas mulheres nesse mercado. Além de falar da atualidade, o trabalho busca entender quais são os desdobramentos para o futuro, tendo em vista o cenário atual. Composto de entrevistas com jornalistas que atuam na TV baiana, uma socióloga e um gestor, o intuito do documentário foi o de procurar entender o contexto gerador desse fenômeno, através de quem convive com a questão.

Palavras-chave: Jornalismo; gênero; negritude; televisão; representação

SUMÁRIO

I – APRESENTAÇÃO	7
1.1- Objetivo geral	7
II - A Construção do imaginário da mulher negra na TV	8
2.1 - TV Comercial e representação	9
2.2 - TV pública e representação	10
III - O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?	12
3.1- Diferença entre documentário e reportagem	12
IV - PRÉ-PRODUÇÃO	14
4.1- Conhecendo as fontes e elaborando o roteiro	16
4.2 - A Edição	20
4.3 Conclusão	21
V- ORÇAMENTO	22
VI- REFERÊNCIAS	24

I - APRESENTAÇÃO

A televisão é um meio onde diariamente é construído o imaginário da população. Ali é definido o que imagetivamente é belo, é produtivo e o que deve ser entendido como importante. A depender do que se propõe, a TV pode ser utilizada como reforço de preconceitos e discriminação ou um escape para as novas configurações da sociedade, já que o meio não está dissociado da mesma. Com o telejornalismo não é diferente. Durante muito tempo, o que se definia como ser “jornalista” era baseado nas características físicas dos jornalistas que apareciam nos telejornais. Na sua maioria mulheres, brancas e altas e, uma negação das características das mulheres negras, com raras exceções. Perfil ainda predominante nas principais emissoras do país, inclusive na Bahia.

Essa configuração não é algo dado, simplesmente. É uma construção histórica e perversa, resquício do período escravocrata, onde a mulher negra é associada apenas à sexualidade e as profissões de menor destaque, dentro do conjunto da sociedade. A televisão tem servido de meio para difusão e retroalimentação dessa imagem desde muito tempo, além de reforçar de que a imagem da mulher negra e seus traços, como o cabelo crespo, o nariz e seus lábios não são belos. De acordo com a professora Vilma Reis, imagens como a Ama de Leite e a Mucama tem sido resgatadas e reconfiguradas no plano imagético atual a serviço de uma lógica racista. E dentro do meio televisivo, o telejornalismo é um lugar estratégico para a representação positiva da negritude, já que se propõe como quarto poder. Esse quarto poder necessariamente teria que representar igualmente os conjuntos que compõem a sociedade, no entanto, não é isso que acontece. É exatamente o contrário, reforçando discursos preconceituosos:

O discurso atua nos níveis micro e macro, assim como nos registros da interação e da cognição. A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista

que, de uma maneira ou de outra, legítima desigualdade social pela cor da pele. (apud SODRÉ 1999, p. 243).

Por isso, se faz necessário uma discussão mais abrangente sobre esse meio que é uma concessão pública, mas que se torna “coisa” familiar, atendendo os interesses de uma elite branca, que abre pequenos espaços para o rosto negro, no caso mais específico desse documentário, do rosto da mulher negra.

1.1- Objetivo geral

Produzir um documentário que possa provocar discussões em torno da baixa representação da mulher negra no telejornalismo baiano, apesar da população baiana, segundo o IBGE somando pretos e pardos ser de 80%.

II - A Construção do imaginário da mulher negra na TV

O ser mulher é uma classificação carregada de conceitos e estereótipos. No texto “Nossos Feminismos Revisitados”, da atual ministra da Secretaria de Reparação Luiza Bairros, ela pontua os conceitos principais que guiam os estudos sobre feminismo, e apresenta as novas vertentes que os ressignifica. Uma interessante conclusão a que a autora chega no texto é a de que:

De acordo com o ponto de vista feminista, portanto, não existe uma identidade, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas. (BAIRROS, 1995)

Dessa forma:

Uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher, numa sociedade desigual racista e sexista. (BAIRROS, 1995, 461)

É sobre esse ângulo que buscamos entender o que se passa às mulheres negras em relação ao meio da Comunicação, sobretudo na TV e no telejornalismo.

A partir do ano de 1950, a TV teve um papel decisivo na organização dos relatos hegemônicos sobre a identidade nacional brasileira, ocupando o lugar que antes era ocupado pelo cinema e o rádio. Após a escravidão, numa tentativa de modernização desse imaginário local, o que se produzia na TV contribuía para o reforço da imagem euro-descendente e o ideal de branqueamento. Com isso, o que predominou nas telas das TVs foi a imagem branca, alta e magra, que não representa a maioria da sociedade brasileira, o para militantes feministas, como Lélia Gonzaga, pode gerar graves problemas:

É que ele reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. (apud BAIRROS, 1994, p.5).

2.1 TV Comercial e representação

Atualmente cinco emissoras disputam a audiência na Bahia: (a análise se deu nos telejornais transmitidos em Salvador) Itapoan (Record), Aratu (SBT), Rede Bahia (Globo), Band Bahia e TVE (TV Brasil). O número de jornalistas mulheres ocupando as funções de âncoras e repórteres de rua, soma 43 (quarenta e três). Destas mulheres, apenas 6 (seis) são negras. O que representa 14% do total. Esse número não chega nem mesmo à metade.

O levantamento foi feito através da observação da programação dessas tevês, bem como o contato com a assessoria das emissoras, as quais solicitei o número exato de jornalistas (apresentadoras e repórteres) que apareciam na frente das câmeras. Com base nesse número, fiz a classificação fenotípica dessas jornalistas.

Na Rede Bahia, por exemplo, de 11 no total, apenas duas, Wanda Chase e Georgina Maynard são negras. Wanda é da editoria de Cultura e faz inserções na programação diária, além de ser fixa do Rede Bahia Revista. Georgina já passou pela bancada, mas agora é repórter.

Na TV Itapoan, de 9 (nove) jornalistas, nenhuma é negra. Na TV Aratu, de quatro jornalistas, apenas uma, Lise Oliveira é negra. Atualmente Lise apresenta o *No Campo do Quatro*, programa de esportes. A Band também só possui uma negra em seu quadro: Silvana Oliveira, que apresenta o *Band Entrevista*. Na TVE, temos Vânia Dias, na apresentação do *Soterópolis* e Patrícia Narriman, que comanda o *TVE Notícias*. Como pode ser percebido, é um número aquém do que é percebido na sociedade baiana, onde 80% se declaram como pretos ou pardos, segundo censo do IBGE.

2.2 - TV pública e representação

No ano de 2007 a Fundação Palmares desenvolveu uma pesquisa intitulada: “Onde está o negro na TV pública?”. O levantamento foi realizado em três TVs públicas¹: Cultura, Rede Brasil e Nacional. Foi examinada a programação exibida entre 08 e 15 de abril de 2007, no horário compreendido entre 7:30 e 24 h. Foram analisados aspectos como a temática da programação, além da presença de jornalistas e apresentadoras (es) negros na programação não-ficcional das mesmas.

Ficou constatado que 93,3% dos jornalistas que apareciam nessas três TVs públicas eram eurodescendentes. E apenas 5,5 afro-descendentes. Em relação aos apresentadores, o número é um pouco maior, mas nada animador, do total, 88,6% eram eurodescendentes e apenas 8,6 afro-descendentes. Um

claro lugar de minoria dos apresentadores e jornalistas negros e negras dentro do universo das TVs públicas.

Constata-se que afro-descendentes são escalados para os telejornais, não somente como parte do time de jornalistas, mas também no espaço de maior evidência, como apresentadores/as. Entretanto, o que se verifica é que as TVs Públicas não superam o universo das TVs privadas e repetem a ausência de apresentadores/as afro-descendentes nos talk-shows e programas de auditório, gêneros que, por seu

conteúdo, permitiriam a incorporação de maior segmentação temática. Exibir, ao longo de uma semana de programação, euro-descendentes ocupando 86% do posto de apresentadores/as e 93,3% no posto de jornalistas, nos parece ser uma hiper-representação deste segmento racial. Este fenômeno é um reflexo da ausência de políticas públicas para assegurar o direito democrático de todo segmento populacional ter seus semelhantes, com as mesmas características étnico-raciais, ocupando postos relevantes e altamente valorizados, fonte fundamental de auto-estima.(PALMARES, 2007, p. 6)

Aqui na Bahia, o cenário não se difere do que foi encontrado na pesquisa da Fundação Palmares em 2007. A população negra e a cultura afro-descendente são sub-representadas na TV estatal também na Bahia, sete anos depois. Deixando claro que a observação se difere, já que o que nos interessa aqui são os programas jornalísticos e a presença das jornalistas negras nesses programas. Em um universo de 7 (sete) programas jornalísticos produzidos localmente, temos um total de 11 (onze) jornalistas, entre âncoras e repórteres, destas, apenas 2 (duas) são negras, o que corresponde a 18% do total. Número que se iguala ao da TV Bahia, afiliada da Rede Globo. Apesar de pública e ter um discurso de diversidade, não apresenta paridade no número de brancas e negras na sua programação.

Em entrevista realizada para composição do documentário, a socióloga e presidente do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia – CDCN, Vilma Reis nos apresentou um dado até então desconhecido. De acordo com ela, para a TVE Bahia ter a composição atual (o que já consideramos ínfima em participação de jornalistas negras), foi necessário o movimento de mulheres negras procurar o gestor da TV e propor uma nova configuração da TVE no estado, em relação a representatividade negra, senão a TV iria ser acionada judicialmente. Ainda de acordo com a professora Vilma, as jornalistas que atuam na TVE e tem esse perfil, não sabem desse encontro.

III - O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?

Quem nos auxilia nessa questão é o pesquisador de Cinema, Fernão Pessoa Ramos, autor do livro *“Mas afinal...o que é mesmo documentário?”*

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, 2010, p.22)

3.1 Diferença entre documentário e reportagem

É muito comum confundir documentário com reportagem. Mas apesar dos dois gêneros apresentarem pontos de convergência, eles também possuem características bem definidas que ajudam a delimitar o campo de cada um. Para Fernão Pessoa Ramos (2008) o principal atributo do documentário é produzir afirmações (asserções nas palavras do autor) sobre o mundo. Já a reportagem é uma notícia mais aprofundada sobre determinado tema, que também produz asserções sobre o mundo histórico.

Semelhanças na construção dos dois gêneros também ficam claras se pegarmos a seguinte definição de Ramos para o que é um filme documental:

Podemos igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (*voz over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos com a câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada [...]. (RAMOS, 2008, p.25)

Podemos notar que elementos como utilização de voz off, presença de entrevistas e depoimentos, utilização de imagens de arquivo são comum aos dois gêneros, mas as regras que regem o trabalho de jornalistas e cineastas são distintas, o que faz com que estas técnicas sejam exploradas de maneiras diferentes pelos dois profissionais. Não é aconselhável, por exemplo, que uma matéria jornalista adote apenas um discurso de uma fonte como verdadeiro, já o cineasta pode fazer isso, sem que esta prática traga prejuízos ao seu trabalho.

Na tentativa de diferenciar a prática jornalística da cinematográfica, Manuela Penafria (1999) oferece as seguintes definições:

A reportagem tem por objetivo “transportar” o leitor ou ouvinte para o local do acontecimento. [...] A reportagem organiza o seu material de modo a responder, obrigatoriamente, a cinco questões essenciais: quem, o quê, quando, onde e por quê. [...] A descrição pormenorizada do ambiente geral, a personalização da história e o discurso direto são algumas técnicas frequentemente utilizadas e que fazem parte do Livro de Estilo do jornalista. [...] O acontecimento especificamente jornalístico, aquele que é notícia, circunscreve-se no terreno da maior ou menor previsibilidade. (PENAFRIA apud MELO; MORAES; TEIXEIRA; 2001)

Já o documentário a autora diz:

Não existe Livro de Estilo para se seguir. [...] Nada obriga que os elementos que irão fazer parte do documentário (entrevistas, imagens de arquivo, legendas, etc.) sigam esta ou aquela ordem; esses elementos são combinados tendo por único motor a ordenação que o seu autor entender mais adequada para exprimir um determinado ponto de vista ou leitura pessoal ou não sobre este ou aquele acontecimento ou sobre este ou aquele tema. [...] A produção de um documentário está dependente e coloca a ênfase, essencialmente, nas suas imagens. [...] Os temas tratados não se limitam aos que o discurso jornalístico destaca. [...] O filme documentário não se constitui pela apresentação de um, digamos, retrato total do tema que trata. (PENAFRIA apud MELO; MORAES; TEIXEIRA; 2001)

Podemos notar que os critérios para elaboração de uma reportagem são bem mais rígidos. Uma matéria jornalística tem sempre uma razão de ser, ou seja, é necessário que sua elaboração seja motivada (e justificada) por critérios

de noticiabilidade, ou seja, um “conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2005, p.63)

Entretanto o documentário se diferencia do jornalismo, pois tem a liberdade de opinar livremente sobre qualquer tema. A produção de um documentário não atende a nenhum pré-requisito na hora de definir seu objeto investigação. A motivação para elaboração de um filme documental por ser até mesmo pessoal e sempre traz os atributos e gostos de seu diretor.

Outra diferença entre os gêneros diz respeito à utilização das imagens e da voz em *off*. Na reportagem o *off* do repórter é obrigatório e serve para explicar e complementar o que está sendo mostrado na imagem, já no documentário o *off* pode até não existir.

IV - PRÉ-PRODUÇÃO

Meu Trabalho de Conclusão de Curso iria ser uma monografia, mas a partir das orientações do professor Fernando Conceição, que me instruiu a filmar as entrevistas, reavaliei o que queria e decidi conjuntamente com ele, produzir um documentário.

Com a decisão tomada, agora era preciso ter um roteiro para o curta e conseguir o colega que me auxiliasse nas filmagens e edição. Daniele Silva me falou de um estudante de Cinema que tinha ajudado uma outra colega, conversei com Paulo Silva e ele me apresentou a Ihago Allechi, quem assumiu o processo de filmagem e edição do curta.

Roteiro pronto e o câmera/editor escolhido tornava-se necessário o contato com as fontes. Consegui o contato de Lise Oliveira e Rita Batista com um colega do trabalho, assessor do Ministério Público estadual, George Brito. O número do celular de Wanda Chase, quem me passou foi a produtora cultural, Milena Anjos. Patrícia Narriman eu já conhecia do tempo que estagiei na Rádio Educadora, mas não tinha o contato telefônico, quem intermediou o início da conversa foi Adrielly Magly, que como estagiava na rádio Educadora,

me passou o contato de Vania Dias também. Ivana Doraly, coincidentemente a encontrei em um evento de lançamento do jornal do Mídia Periférica e já adiantei o assunto. Entrei em contato com Sueide Kintê e Jorge Ramos através do facebook. Com a professora Vilma Reis, iniciei o assunto em um evento do Viva Dança no Vila Velha e tive também o auxílio do assessor da Sepromi, Pedro de Moraes. Silvana Oliveira, na época da entrevista eu já era sua estagiária na Rádio Band News Fm.

O agendamento das entrevistas não foi tarefa fácil. Todos meus entrevistados são pessoas muito atarefadas e foi difícil encontrar um horário ideal. Por incrível que pareça, a entrevista mais fácil de conseguir foi a de Rita Batista, que estava de férias aqui em Salvador no período das gravações, para minha sorte.

Aliado à agenda cheia das minhas entrevistadas, eu também estava em um período corrido da minha vida. Além do TCC, eu estava estagiando em dois lugares: Band News FM pela manhã e assessoria do Ministério Público pela tarde. Um dos momentos mais importantes para o meu trabalho de conclusão de curso: as gravações, mas eu não podia abrir mão dos estágios, já que era dali que eu iria tirar o dinheiro para arcar com o custo do doc.

Com isso, a dificuldade de horário atrapalhou a realização de algumas entrevistas, justamente por eu não conseguir me programar com base nos horários das personagens. Eu sabia que não seria fácil conseguir entrevistar todas as fontes que precisava. Minha ideia era entrevistar todas as jornalistas negras que trabalham atualmente na TV baiana, no período que eu fiz o trabalho, ou seja, seis: Silvana Oliveira, Georgina Maynard, Wanda Chase, Lise Oliveira, Patrícia Narriman e Vânia Dias. Consegui apenas três destas: Lise, Silvana e Narriman.

Não consegui entrevistar Wanda Chase porque a mãe dela faleceu bem no período em que estava gravando o curta. Apesar de ela morar aqui, toda sua família é do Piauí. Por causa disso, ela precisou viajar para resolver questões familiares. Georgina justificou a falta de tempo para a gravação. Vânia também alegou tempo, ela estava fazendo mestrado e no período em

que ela poderia gravar, nem eu nem Ihago, meu câmera, poderíamos. Logisticamente não deu.

Além dessas jornalistas, eu queria falar com ex-jornalistas de TV, como Sueide Kintê e Ivana Doraly, que fazia parte do quadro da TVE, para entender essa lógica. Se elas percebiam esse racismo institucional no período em que estiveram trabalhando na TV. As duas se demonstraram disponíveis e solícitas, cheguei a marcar duas vezes com Sueide, mas não foi possível conseguir a câmera da faculdade nos dias acordados. No decorrer do calendário, acabamos não gravando. Entrei em contato também com Livia Calmon, a primeira jornalista negra da TV baiana. Atualmente ela está morando em São Paulo. Por conta disso, não foi possível a realização da entrevista.

4.1 Conhecendo as fontes e elaborando o roteiro

Rita Batista

Minha primeira entrevista foi com Rita Batista, no dia 19 de março de 2014, no Solar Café, localizado no largo da Graça, durante a tarde. Conversamos por volta de 45 minutos sobre a profissão, e como é ser negra na TV brasileira, em específico na Bahia. Ela falou de suas experiências. Lembrou que a maioria das pessoas a perguntam se ela começou sua carreira na TVE. Ela contou isso rindo, porque segundo Rita, as pessoas insistem nisso, e acabam não acreditando que ela começou na TV pela Aratu, afiliada do SBT. Rita disse que tinha participado de diversas seleções na TVE, mas não passou em nenhuma. Depois de um tempo, surgiu uma oportunidade de um teste na Aratu, onde ela ficou durante um bom tempo, passando pela reportagem de rua e bancada de telejornal. Durante esse período, ela fez questão de destacar que não mudou sua identidade visual. Continuou utilizando seu cabelo crespo de diversas formas, black power bem alto, curto, trança. Ela disse que era para acostumar o olhar. Apesar de destacar isso, Rita lembro também que não condena as colegas que tem outra forma de “comunicação visual”.

Patrícia Narriman

No dia 13 de abril, me encontrei com a jornalista Patrícia Narriman, na Praça Wilson Lins na Pituba. A locação externa nos deu um pouco mais de trabalho por causa dos ruídos e iluminação inadequada. Mas ao final, conseguimos encontrar um lugar adequado para a gravação. O local foi escolhido, porque Narriman mora na Pituba. A entrevista foi tranquila e rápida também. Narriman nos contou que ela sempre quis trabalhar com TV. Desde muito cedo era chamada de “Xuxa Preta” pelas primas, por ser um pouco mais escura que o restante da família. Narriman disse nunca ter sofrido discriminação racial, sobretudo dentro da profissão.

Narriman contou que durante um longo período, além de apresentar o TVE Notícias, na TVE, ela também ancorou o programa de notícias da TV Assembleia. Ela lembrou que foi a escolhida entre 12 candidatas, inclusive mulheres loiras de olhos azuis (ela ressaltou bem isso). Disse também que assim como a TVE, a TV Assembleia busca refletir a imagem da população baiana, e procuravam uma jornalista assim, que fosse a cara da Bahia. Eu a perguntei que em casos que “ser a cara da Bahia” não fosse critério para seleção, se era mais difícil uma mulher negra ser contratada. Ela respondeu que sim, que ainda existe a preferência por um perfil de mulher branca, magra e traços finos. Mas destacou que a beleza também está nas mulheres negras e nós devemos garantir nosso espaço.

Lise Oliveira

No dia 29 de março foi a vez de eu me encontrar com Lise Oliveira. A entrevista aconteceu na casa dela, na Federação. Lise também começou sua carreira na TV Aratu, assim como Rita Batista. Ela fazia um curso de TV que acontecia dentro da emissora, quando, por coincidência, procuravam uma jornalista negra para um programa. Ela venceu a seleção, e até hoje está na emissora. Atualmente ela apresenta o programa de esportes “No Campo do

Quatro”. Lise contou que nunca se sentiu discriminada, e que a cor da pele, pelo contrário foi um fator diferencial, no sentido positivo para sua carreira. Ela falou também do cabelo, algo que é caro à mulher e também está presente nos discursos sobre negritude. Lise utiliza o cabelo alisado, ela diz que se sente bem assim, e que a pediram (diferente do que acontece normalmente, quando pedem para que alise o cabelo crespo) para deixa-lo crespo como requisito para participar do programa. Ela negou, porque de acordo com Lise essa é a identidade dela e por usar o cabelo liso, não quer dizer que ela é menos negra. Chegaram a um acordo e a produção do programa a aceitou com os cabelos alisados.

Vilma Reis

No dia 19 de maio, me encontrei com a socióloga e Presidente do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia (CDCN), Vilma Reis, na sede do Conselho, no Santo Antonio Além do Carmo, por volta das 16h30 da tarde. A professora, como sempre, atolada de coisas, estava no meio de uma reunião, mas abriu um espaço para a entrevista. Escolhemos uma sala no local e começamos a conversa. Vilma Reis é uma pessoa que eu admiro muito. Ela sempre tem uma resposta para uma questão. Não titubeia, e os anos de movimento negro a formaram para isso. Como a experiência dela é vasta no quesito gênero e raça, aproveitamos bastante da sua bagagem. Fui surpreendida também pela forte atuação dela na Comunicação, vertente que ela considera estratégica para o debate racial, “porque é o lugar em que são travadas batalhas diárias no imaginário da população”. A professora Vilma rebateu as desculpas de gestores de que a contratação se dá apenas pela “competência” e, apontou motivos raciais para o cenário de exclusão da mulher negra na TV baiana.

Segundo ela, há uma imagem de controle reatualizada, da mulher negra como mucama e ama de leite. Dessa forma, na sociedade o que predomina é a imagem dessa mulher associada à sexualidade e a funções de menor protagonismo, o que é transposto para a TV. Vilma Reis destacou também que a elite branca, que detêm as concessões de TV, como fazem em outros setores

da sociedade, não iriam abrir mão da TV. Segundo ela, o que conseguimos até hoje, é resultado de luta do movimento negro.

Jorge Ramos

Jorge Ramos, historiador e Diretor de Jornalismo da TVE, foi o meu quinto entrevistado. A entrevista aconteceu no dia 21 de maio, por volta das 15h da tarde, na TVE, localizada na Federação. Aproveitei da sua experiência como historiador, para falar um pouco da trajetória do negro na TV baiana e mais especificamente, das jornalistas negras. Falamos também sobre sua experiência como gestor e da característica diferenciada da TVE em relação à divulgação da diversidade. Ele disse sim que a TV pública tem essa preocupação, mas também ressaltou que eles não contratam negros como uma espécie de “cota”. Segundo ele, os currículos são avaliados de forma igual e acontece a contratação. No início da entrevista, Jorge Ramos fala dos anos 1980, quando se tinha poucas faculdades de Comunicação e poucos negros cursando. Quando chega ao período atual, ele destaca que há quase o mesmo número de estudantes negros e brancos nas universidades de Comunicação. Quando eu o questionei: e por que esse número é tão pequeno na tela, apesar dessa melhora? Ele disse que acreditava que era uma espécie de racismo, não o racismo declarado, mas o racismo implícito. Outro dado que o surpreendeu foi o de que das 43 âncoras e repórteres atuantes nas TVs de Salvador, apenas 6 são negras. Como gestor de uma TV pública, eu acreditava que ele estivesse mais atento a essas questões.

Silvana Oliveira

No mesmo dia, só que por volta das 16h30 da tarde, realizei minha última entrevista para o TCC, com Silvana Oliveira. Apresentadora do *Band Entrevista*, programa de entrevistas que vai ao ar todo domingo, por volta de meia noite, logo após o *Canal Livre*. Única jornalista negra da TV Band Bahia. Silvana me contou que foi gestora desde muito cedo. Com 27 anos ela já

chefiava uma redação. De família de classe média alta paulista, ela ressaltou que teve oportunidades que outras mulheres negras não tiveram. De estudar em uma boa universidade, fazer pós-graduação. Ela lembrou que durante toda sua trajetória jornalística, mais de 20 anos, nunca teve negros como pares, apenas subordinados. Além de apresentar o “Entrevista Coletiva”, Silvana é diretora de Jornalismo e âncora da rádio Band News Fm. Ela contou que durante muito tempo os ouvintes a associavam a uma mulher branca, loura, olhos azuis e alta. Segundo ela, pelas pessoas ainda associarem a inteligência às pessoas brancas. Ela disse que muitas pessoas ficavam surpresas quando chegavam na redação e se deparavam com a Silvana Oliveira, uma mulher negra. Silvana lembra que isso mudou muito no ano de 2012, ano que ela mediou o debate para prefeito.

4.2 - A Edição

Antes de contar como foi o processo de edição do curta, acredito que vale a pena destacar os percalços que passamos para iniciar o processo. Quando já tínhamos finalizado as gravações, aconteceu o imprevisto: Ihago foi assaltado na região dos Barris, quando saía de um espetáculo. Levaram a mochila dele. Dentro estava o meu HD com as imagens que eu iria decupar e um cabo firewire que faz as conversões das imagens. Essa ocorrência atrasou a edição em duas semanas, além de eu ter que comprar um novo HD e Ihago um novo cabo.

Esse foi o período mais curto e corrido do processo de conclusão do curta. Em plena Copa do mundo na cidade e o prazo para entrega do trabalho às portas. Apesar do episódio do assalto, não houve muitos transtornos, porque eu já havia enviado a decupagem das imagens para Ihago, com bastante antecedência. Nos dias finais eu só fiquei de entregar as imagens para cobertura de falas e a trilha sonora.

Apesar de termos combinado que ele me enviaria a primeira versão do curta no dia 5 de julho, o que não aconteceu, conseguimos viabilizar outra data

para essa versão. No dia 09 de julho, começamos efetivamente o processo de edição do curta. Também por causa do tempo escasso, fizemos a maior parte das correções e revisões pela internet, tivemos apenas dois encontros.

No dia 09 enviamos a primeira versão da edição para o professor Fernando Conceição. Ele sugeriu algumas mudanças no roteiro. Fiz as alterações no dia seguinte e encaminhei para Ihago. No dia 16, tínhamos enfim o doc em mãos. A segunda versão já veio mais com cara de doc e agradou. Enfim chegava ao final uma trajetória de um semestre extremamente corrido, mas com o sentimento de dever cumprido. Lógico que não ficou como eu queria. Faltaram entrevistas. Houve lacunas, mas sempre há o que melhorar.

4.3 Conclusão

O universo da TV sempre me encantou. Quando eu escolhi cursar jornalismo, o tele era o que eu sempre quis. Lugar em que eu sempre prestei atenção. Chegando ao final do percurso da faculdade, sabia que queria tratar da temática racial, mas não sabia exatamente qual aspecto. Recordei que sempre conversava com minhas amigas, sobre a ausência do negro na TV, principalmente das mulheres negras. Enquanto discutíamos, vimos que essa ausência se dava também no telejornal, inclusive aqui na Bahia.

Resolvi então, fazer uma observação mais aprofundada. Rapidamente consegui fazer esse levantamento. Seis mulheres negras no universo do telejornalismo local. Apenas seis jornalistas negras. No decorrer da pesquisa, em contato com as assessorias das TVs, cheguei a soma de 43 jornalistas ao todo, sendo apenas seis negras, o que representa 14% do total. Isto é, somos uma população de 80% de pretos e pardos na Bahia, segundo dados do IBGE, mas essa representação não é vista quando ligamos a tv, no horário do jornal.

Durante essa observação, ficou constatado também que na TV estatal, a TVE Bahia, a presença negra repete o que encontramos nas TVs comerciais. Apenas duas apresentadoras negras na tela da TVE: Vânia Dias e Patrícia

Narriman. A TV Bahia apresenta o mesmo número, não na função de apresentadoras, mas sim como repórteres: Georgina Maynard (já foi âncora) e Wanda Chase.

Foi observado também que das seis jornalistas negras que atuam na TV local atualmente, metade é apresentadora. Silvana Oliveira, no *Band Entrevista*, Patrícia Narriman, *TVE Notícias* e Lise Oliveira com o *No Campo do Quatro*.

Pelas entrevistas que fiz com essas jornalistas, quando elas falam do lugar em que ocupam, lugar de exceção à regra branca, dá pra perceber que elas tem consciência desse lugar e apontam o racismo como um dos principais fatores dessa configuração do tele local. Apesar dessa constatação, elas também são otimistas em relação ao futuro. Acreditam que as coisas estão mudando e que a TV tem dado mais espaço à diversidade.

Além de disponibilizar na internet, por meio do *youtube*, pretendo exibir o documentário em escolas, cineclubes e associações de bairros periféricos. Acredito que a discussão será pertinente para o público desses locais.

V- ORÇAMENTO

Planilha de Orçamento

Filmagens:	R\$ 400	
Edição:	R\$ 400	
HD	R\$ 260	
Deslocamento, gasolina e taxi:	R\$ 100	
Fitas	R\$ 100	
Impressão Memorial	R\$ 45,60	
Total	R\$ 1.305	

VI- REFERÊNCIAS

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzales. Disponível em http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n23_p347.pdf Acesso em 22 de junho de 2014.

BAIRROS, Luíza. Nossos feminismos revisitados. Estudos Feministas, Dossiê Mulheres Negras, ano 3, n. 2, 2º semestre 1995. p. 458-463.

CONCEIÇÃO, Fernando Costa. Como Fazer Amor Com Um Negro Sem Se Cansar. [S.l.]: Terceira Margem, 2005. (Artigos)

FANON, Frantz. O preto e o reconhecimento in: Pele Negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Ed. EDUFBA,2008.Pg 175.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: conceitos, premissas e operadores de análise. In: Revista e-compos, edição 8, abril de 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/126/126>.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. Disponível em <<http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%200cabelo.pdf>>. Acessado em : 18 de janeiro de 2013.

PALMARES, Fundação Cultural. Onde Está o Negro na TV Pública? Disponível em < <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/pesqtv.pdf>> . Acesso em 22 de junho de 2014.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...O que É Mesmo Documentário?** São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista; ROSEMBERG, Fúlvia. “Brasil: lugares de negros e brancos na mídia”. In: Dick, Teun A. Van (org). Racismo de discurso na América Latina. São Paulo: Contexto, 2008. P. 73-118

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, vozes, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. 2, 2005: Porque as notícias são como são.

Notas:

1 – A terminologia utilizada pela pesquisa, classifica essas TVs como públicas.

2 - Aqui utilizamos a terminologia de TV estatal, mas com o mesmo entendimento do mapeamento realizado pela Fundação Palmares.